

# Rede Educativa Chão da Escola

Cibelle Amorim Martins

Departamento de Práticas Educacionais e Currículo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal, Brasil  
cibelle.amorim@ce.ufrn.br

António José Mendes Rodrigues

Departamento de Educação Ciências Sociais e Humanidades  
Universidade de Lisboa  
Cruz Quebrada, Portugal  
arodrigues@fmh.ulisboa.pt

**Resumo**—Num contexto onde as tecnologias de informação e comunicação estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, faz-se necessário conhecer e se apropriar de novos tempos e espaços de aprendizagem. Diante disso, propõem-se a criação de uma rede educativa dialógica com ferramentas da web 2.0 e softwares livres, destinada a agregar elementos contextuais do chão da escola à produção de materiais didáticos e às demandas de formação docente na universidade.

**Keywords**—TIC; redes educativas dialógicas; material didático; formação de professores.

## I. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea marcada pelo grande volume de informações em circulação [1], um dos maiores desafios que se colocam para o professor é o de se manter atualizado nos seus espaços de atuação. Toda essa informação se torna estratégica quando sabemos transformá-la em conhecimento para aprimorar a prática. Na formação docente inicial, os graduandos discutem conteúdos que por vezes são pouco relacionados à realidade com a qual irão se deparar. Além disso, para melhorar a qualidade da educação pública é preciso um constante processo de reflexão entre os conceitos e teorias abordados na academia e o que é praticado no chão da escola.

Há um distanciamento entre a produção de conhecimentos científicos na academia e a escola, fator que se constitui em um dos grandes obstáculos tanto para a formação inicial, como para a formação continuada de professores. Deve-se ampliar o diálogo entre a universidade e as escolas da rede pública [2] para reduzir a distância entre teoria e prática, saberes e fazeres educativos [3], numa rede dialógica de informação [4].

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, dispomos de alternativas inovadoras [5] que podem auxiliar na diversificação de tempos (síncronos e assíncronos) e espaços (físicos e virtuais), promovendo os encontros entre diferentes modos de concepção da realidade produzidos na universidade e no chão da escola, num processo de aprendizagem situada e significativa [6]. Dessa forma, os professores da rede pública atuantes nas escolas, poderão apontar demandas de formação continuada frente aos novos desafios da educação no século XXI [7]–[8].

Dito isso, o estabelecimento de um diálogo permanente entre essas duas instâncias educacionais é o principal objetivo da criação da Rede Educativa Chão da Escola. Com a ampliação de espaços e tempos diversos que possam contribuir para agregar aos componentes curriculares ofertados na

universidade, elementos contextuais da prática educativa vivenciada no chão da escola, professores universitários podem discutir temáticas e questões mais alinhadas com a realidade da escola, considerando os desafios e as possibilidades para a melhoria da qualidade da educação pública, gratuita e socialmente referenciada.

Entendendo que a viabilidade desse diálogo não é fácil, pois se depara com a dificuldade de espaços e tempos comuns aos professores universitários e os professores da Educação Básica, consideramos o avanço tecnológico e a disponibilidade de uma grande variedade de recursos digitais multimídia, como alternativas inovadoras que possibilitam a convergência de saberes; a interação entre pessoas com diferentes leituras da realidade; e aprendizagens colaborativas entre fazeres pedagógicos diversos. Nesse sentido, pensou-se a criação dessa rede a partir de ferramentas da web 2.0, particularmente, o Facebook e o Google Drive. O primeiro espaço construído em forma de *Fanpage*, para promover processos de socialização. As ferramentas do Google Drive, por sua vez, facilitam as produções acadêmicas colaborativas, favorecendo a construção coletiva do conhecimento.

O processo de comunicação dialógica viabilizado por essa rede social, não só pode favorecer a troca de saberes e fazeres, como promove a formação inicial e continuada de docentes levando em conta a indissociabilidade entre teoria e prática. A rede se constitui como um espaço de compartilhamento de experiências, integrando práticas e saberes didático-pedagógicos. Enquanto os graduandos em licenciatura têm a possibilidade de refletir sobre conceitos e teorias, tomando como referência a própria realidade da escola; os professores da rede pública, por sua vez, podem ter acesso aos conteúdos que atualmente estão sendo discutidos na universidade. A partir dessa dinâmica, busca-se a formação do professor-pesquisador, que reflete sobre sua prática, procurando aprimorá-la.

Outro elemento fundamental das práticas educativas, favorecido pela existência dessa rede social de comunicação dialógica, é o material didático. Uma vez que esses materiais passam a agregar elementos contextuais da realidade do chão da escola, a compreensão de conceitos científicos é facilitada, contribuindo para a ressignificação de conhecimentos e práticas.

## II. O CHÃO DA ESCOLA

### A. A Escola Adentra a Universidade

Na sociedade brasileira, busca-se por meio de políticas públicas garantir o acesso à uma educação de qualidade, gratuita e socialmente referenciada. Um dos principais fatores para promover a qualidade na escola é a formação dos profissionais do ensino. No cotidiano escolar, os professores enfrentam inúmeros obstáculos na prática docente, desde a escassez de equipamentos e materiais didáticos, falta de estrutura adequada das salas de aula, salas superlotadas, excessiva jornada de trabalho, baixos salários e muitos outros problemas que não são considerados na formação inicial.

Os estudantes universitários em processo de formação para a carreira do magistério na Educação Básica, adquirem habilidades e competências para organizar os processos de ensino e de aprendizagem; de pesquisador; de gestor e de coordenador em diferentes níveis, etapas, modalidades e contextos educativos, para contribuir com uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva e solidária (Projeto Político Pedagógico, 2009). Nesse sentido, é preciso levar em conta as adversidades presentes no chão da escola, integrando elementos contextuais ao processo de produção do conhecimento na universidade.

### B. Dimensões Formativas

Os profissionais da educação que atuam na realidade da escola pública brasileira se deparam com problemas que não foram preparados para enfrentar. Além, disso necessitam de uma formação continuada, visando abordar problemáticas emergentes. Questões como a inclusão de pessoas com necessidades especiais, inserção de tecnologias digitais na escola, novas configurações familiares, têm perpassado o cotidiano escolar, dentre tantas outras para as quais os professores precisam estar preparados.

Tais dimensões contextuais advindas da realidade da escola, necessitam ser incorporadas à relação teoria e prática desenvolvida na universidade. Tendo em vista que a universidade forma os futuros profissionais que irão atuar no chão da escola, não pode desvencilhar-se desta última em seus processos de produção do conhecimento científico. Por esse motivo, faz-se necessário a existência de um espaço de comunicação, onde os professores em exercício possam compartilhar suas demandas formativas.

Os elementos contextuais do chão da escola acabam por se constituir em subsídios para definição de dimensões formativas que devem compor a base para a construção do conhecimento científico na universidade. Um aspecto do cotidiano escolar, à exemplo da inclusão de pessoas com deficiência na sala de aula, deve nortear a formação inicial e continuada dos professores, tornando-se, portanto, uma dimensão formativa que atravessa os componentes curriculares dos cursos de formação inicial para o magistério.

## III. O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

### A. Formação Docente Inicial

No processo de formação docente inicial na universidade, os alunos debatem conceitos que, por vezes, estão desconectados da realidade com qual irão se deparar. Portanto, a formação inicial dos professores deve ser compreendida como um constante processo de reflexão-ação-reflexão sobre suas práticas. Os graduandos em cursos de licenciatura precisam ter a oportunidade de ampliar o diálogo com as escolas da rede pública.

A proposta de criação de uma rede social que exerça o papel de rede educativa dialógica [4], surge num contexto de rápidas transformações tecnológicas, onde se faz necessário repensar o processo de formação inicial dos professores. Um fator que tem sido colocado como fundamental é a aproximação entre a teoria e a prática, isto é, os professores do magistério superior precisam considerar a realidade da escola, em busca de uma aprendizagem mais contextualizada. Além disso, muitos alunos já começam a exercer a docência mesmo antes de se formarem, o que pode ser um fator positivo no que se refere aos seus conhecimentos empíricos, que deveriam estar articulados com os novos conceitos, favorecendo a denominada aprendizagem significativa [6].

### B. Formação Docente Continuada

Mesmo que se garanta minimamente a articulação dos elementos contextuais do chão da escola com as teorias abordadas na formação inicial dos professores, não se pode, por outro lado, dar conta de uma realidade que passa por constantes transformações. Isso significa que os estudantes egressos dos cursos para o magistério, ainda que estejam preparados para uma determinada realidade, esta, por sua vez, não permanece a mesma. Por isso, a formação continuada deve ser uma busca incessante destes profissionais. Numa sociedade considerada por muitos como a “Sociedade da Informação” [9], o maior desafio que se coloca à escola é usar de maneira estratégica esse volume de informações, transformando-as em conhecimento.

Ao se buscar a formação continuada, os professores podem dispor de espaços (físicos e virtuais) e tempos (síncronos e assíncronos) diversos, ampliando as possibilidades de acesso à atualização dos seus conhecimentos. Diante dos desafios de uma educação no e para o Século XXI [7]–[8], relacionados ao enfrentamento de problemas contemporâneos de natureza complexa [10] e do avanço tecnológico acelerado, a universidade pode oferecer cursos de formação continuada mais coerentes com as demandas advindas dos professores em exercício na escola. A Rede Educativa Chão da Escola pode funcionar como um instrumento que promove a comunicação dialógica [11], onde se pode acessar informações importantes advindas tanto da universidade, como do chão da escola.

#### IV. AS TDIC COMO MEIOS POTENCIALMENTE DIALÓGICOS

##### A. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

Reconhecidamente, vivemos numa sociedade em que dificilmente se concebem relações sem o intermédio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIC). Ao se constatar isso, também consideramos as inúmeras possibilidades no uso de tais aparatos na educação [5], sobretudo, nos processos de formação inicial e continuada de professores. Diante da necessidade de promover o diálogo entre a universidade e a escola, os recursos tecnológicos digitais podem ser meios inovadores para favorecer os encontros entre diferentes saberes e fazeres que permeiam ambos os espaços.

As ferramentas disponíveis no Google Drive, por exemplo, podem ser de grande auxílio para produção de materiais didáticos colaborativos, como Documentos e Apresentações Google; acesso à acervos bibliográficos, com o compartilhamento em nuvem de pastas virtuais; disponibilização de conteúdo multimídia, tais como: audiovisual, podcast, ilustrações, fotografias, infográficos, e-book, animação, realidade virtual e aumentada, jogo, simulação, entre outros objetos educacionais. Este espaço potencial para a produção colaborativa de conteúdo educativo pode se integrar à uma página no Facebook Educacional, que abrange suportes digitais para a interação entre os participantes. Dessa maneira, tanto o professor da universidade, como o professor da Educação Básica podem atualizar seus conhecimentos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos, visando contextualizar e aperfeiçoar suas práticas educativas.

Ao mesmo tempo em que as TDIC são meios para favorecer o diálogo entre a universidade e a escola, seus saberes e fazeres, também são tomadas como objeto de reflexão multifacetado, ocupando uma posição de destaque nas temáticas propostas para a formação docente. Como meio e fim, torna-se ainda mais evidente seu papel na atual sociedade, sobretudo quando se exigem práticas educativas inovadoras. A inovação não se refere à mera inserção das TDIC na escola, mas deve ser pensada também no âmbito das práticas. Tecnologia ou metodologia? Afinal, como reconhecemos uma educação inovadora? Se as tecnologias mudam, mas as metodologias permanecem as mesmas, não seria em decorrência do distanciamento entre teoria e prática? Se na universidade se defende sistematicamente o uso de tecnologias na escola, porque a escola reproduz “velhas” práticas?

De um lado, a universidade pode oferecer cursos de formação continuada em diferentes níveis centrados nas demandas emergentes da realidade da escola. Do outro lado, a escola pode compartilhar suas demandas formativas, ao mesmo tempo, orientar a formação inicial para o magistério por meio de elementos contextuais do seu cotidiano. Não se pode afirmar que os professores não buscam formação ou são sujeitos “tecnofóbicos” [12], que consideram as tecnologias uma ameaça à existência de sua profissão. Da mesma maneira, não se pode dizer que são deslumbrados pelo aparato eletrônico da modernidade. Talvez estejam faltando oportunidades de troca, de reflexão, de formação inicial e continuada coerentes com sua realidade.

##### B. Redes Educativas Dialógicas

A propósito da criação da Rede Educativa Chão da Escola, como um espaço-tempo no meio virtual que pode vir a favorecer o diálogo e a troca de saberes e fazeres docentes, é um projeto que tem como objetivo reduzir a distância entre a universidade e a escola. Compreendendo que na atualidade o uso generalizado de computadores [4] conectados à Internet tem criado possibilidades diversas para ações educativas, vim-nos diante da possibilidade reinventar as práticas educativas nas “redes acêntricas”, onde o poder “procede por variações múltiplas” [4].

Apesar de existirem redes sociais criadas para entretenimento, muitas são direcionadas para uso educacional. No caso do Facebook, os idealizadores pensaram numa versão que pudesse atender a finalidades educativas. Com a popularização do uso dessa rede em particular, entendemos que as práticas educativas sofrem o impacto das novas dinâmicas de interação social numa esfera global. Os processos de comunicação, mesmo com o propósito de formar pessoas para atuar na educação, funcionam dentro de novas configurações coletivas em rede digital, constituindo-se em um mapa dinâmico definido unicamente por uma circulação de estados. Tal como um processo de comunicação dialógica [11], a Internet tem se constituído uma rede de fluidos, onde o poder tende a ser libertador porque a rede é um processo inacabado e está em movimento contínuo [4]. E assim se tece o diálogo entre a universidade e a escola, num movimento inacabado e contínuo.

O que se preza na Rede Educativa Chão da Escola é a pluralidade, a multiplicidade de ideias, a diversidade de concepções sobre os fenômenos educacionais. Nesses territórios multiculturais, não há lugar para a desigualdade e supremacia ideológica. A comunicação se assenta na horizontalidade, o saber acadêmico se abre para as experiências docentes cotidianas vivenciadas na escola. E a atuação dos profissionais da educação no chão da escola passa a se atualizar constantemente frente os debates, materiais e revisões literárias compartilhadas pelos professores do magistério superior.

Uma rede educativa que se propõem dialógica produz um novo espaço de poder relacionado ao saber, à informação e ao conhecimento. Essas redes que se conectam pelas ideias ali cultivadas, interferem de certa maneira na realidade da qual os sujeitos fazem parte, sem uma dependência cultural e intelectual [4], colocando cada ser humano como potencial protagonista na produção de espaços de aprendizagem e na construção de seus significados. Portanto, além da integração dos espaços em um ecossistema comunicativo [13], também se torna necessária a integração das linguagens e diferentes formas de leitura do mundo.

Diante disso, a troca contínua de saberes e fazeres diversos se torna uma prática educativa em si, na medida em que vai tecendo processos formativos na própria rede. O acesso e as interações, o compartilhamento de informações relevantes, o debate sobre temáticas emergentes do contexto educacional, vai se constituindo em uma formação imersiva, por meio da qual os sujeitos envolvidos vão se apropriando, na prática, das ferramentas e dinâmicas da sociedade tecnológica.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS (O INACABADO)

O cotidiano escolar e a universidade se encontram nas redes e espaços virtuais, vislumbrando um percurso formativo mútuo e dialético. A Rede Educativa Chão da Escola se apresenta como um modo de ser/estar, um tipo de compreensão do mundo e um estilo de comunicação dialógica, visando a produção, contextualização e atualização do conhecimento. Nesse fluxo de informações, experiências e saberes, professores vão transformando e inovando suas práticas educativas.

A utilização do Google Drive como recurso para produção colaborativa de conteúdos educativos e disponibilização de materiais em diferentes linguagens multimídia, combinada com a interação dos sujeitos no Facebook, acabam por compor a Rede Social Chão da Escola, criada com recursos da web social e colaborativa, conhecida como web 2.0, favorecendo e ampliando os espaços e oportunidades de aprendizagem e atualização do conhecimento.

Nesse sentido, assim como as redes sociais digitais e demais espaços virtuais tecem processos interativos contínuos e inacabados, o processo de formação inicial e continuada de professores deve assumir essa mesma dinâmica, ou seja, ser uma busca constante por atualização do conhecimento, e estar permanentemente repensando saberes e fazeres, tomando-os como processos inacabados.

## REFERÊNCIAS

- [1] P. Lévy. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.
- [2] M. Tardif; C. Lessard. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- [3] P. Freire. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.
- [4] M. V. Gomez. *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.
- [5] R. H. Mendonça. *Cibercultura: o que muda na educação?: (Apresentação)* In: Salto para o futuro. Ano XXI Boletim 03 - Abril, 2011.
- [6] M. A. Moreira. *Aprendizagem significativa*. Brasília: UNB, 1999.
- [7] J. C. Libâneo. *Pedagogia e pedagogos, Para quê?* 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005. 200p.
- [8] E. Felden; G. Lima; G. Kramer; L. Weyh. *O pedagogo no contexto contemporâneo: desafios e responsabilidades*. *Vivências - Revista Eletrônica de Extensão da URI*. Vol. 9, N.17: p. 68-82, Outubro/2013.
- [9] M. Castells. *The rise of the network society. Information age: economy, society and culture*, Volume 1. Oxford: Blackwell, 1996.
- [10] E. Morin. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Piaget, 2003.
- [11] P. Freire. *Extensão ou comunicação?* tradução de Rosisca Darcy de Oliveira e prefácio de Jacques Chonchol 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p.
- [12] P. Demo. B. Téc. *Senac: a R. Educ. Prof.*, Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009.
- [13] A. Shaun. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 128 p.